

redes de dormir de Limpo Grande





redes de dormir de Limpo Grande



Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular  
Iphan / Ministério da Cultura

## REALIZAÇÃO

### Presidência da República

Presidenta: Dilma Vana Rousseff

### Ministério da Cultura

Ministra: Ana de Hollanda

### Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente: Luiz Fernando de Almeida

### Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretora: Célia Maria Corsino

### Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Diretora: Claudia Marcia Ferreira

### Associação de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro

Presidente: Lygia Segala

## PROJETO ORIGINAL

### PARCERIA INSTITUCIONAL E APOIO FINANCEIRO

#### Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

Presidente: Luciano Coutinho

#### Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural - Promoart

Coordenação Técnica: Ricardo Gomes Lima

Coordenação Administrativa: Elizabete Vicari

#### Polo Tecelagem de Várzea Grande

Gestora: Elizete Ignácio

Supervisor: Lucas Albuquerque de Oliveira

Agente Local: Admilson Clemente da Silva

### PARCERIA REGIONAL NA REALIZAÇÃO

#### Universidade Federal de Mato Grosso

Reitora: Maria Lúcia Cavalli Neder

Vice-Reitor: Francisco José Dutra Souto

## Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Vivência

Pró-Reitor: Luiz Fabrício Cirilo de Carvalho

### Coordenação de Cultura

Coordenadora: Silbene Perassalo

### Museu de Arte e de Cultura Popular

Diretor: José Serafim Bertoloto

### PARCERIAS REGIONAIS

#### Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso

Secretário: Osemario Forte Daltro

#### Coordenação Artística

Rômulo Fraga

#### Superintendência do IPHAN em Cuiabá

Superintendente: Cláudio Quoss Conte

## NESTA EXPOSIÇÃO

### PATROCÍNIO

#### Ministério da Fazenda

Ministro: Guido Mantega

#### Caixa Econômica Federal

Presidente: Jorge Hereda

projeto original

parceria regional



parceria institucional e apoio financeiro



realização



nesta exposição

realização



patrocínio



## Setor de Pesquisa

### COORDENADORA

Maria Elisabeth Costa

## Programa Sala do Artista Popular

### RESPONSÁVEL

Ricardo Gomes Lima

### EQUIPE DE PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Marylia Dias, Magnum Moreira e Sandra Pires

### PESQUISA E TEXTO

Elizete Ignácio

Lucas Albuquerque de Oliveira

Valéria Nogueira Rodrigues

### REVISÃO DE TEXTOS

Fátima S. de Oliveira

Maria Elisa Nunes

### PRODUÇÃO EDITORIAL E DIAGRAMAÇÃO

Avellar e Duarte Consultoria Cultural Ltda.

Patrícia Costalonga (estagiária)

### CAPA

Ana Paula de Sá Miranda

Rafael Rocha de Souza

Lígia Melges (adaptação para esta edição)

### FOTOGRAFIAS

José Medeiros

### PRODUÇÃO

Lívia Ribeiro Lima

### APOIO DE PRODUÇÃO

Dirlene Regina Santos da Silva

Manuela Kemper

### ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Márcia Shoo

### PROJETO DE MONTAGEM E PRODUÇÃO DA MOSTRA

Luiz Carlos Ferreira

Talita de Castro Miranda (assistente)

### PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA

Alexandre Coelho

---

R314 Redes de dormir de Limpo Grande / pesquisa e texto de Elizete Ignácio, Lucas Albuquerque de Oliveira e Valéria Nogueira Rodrigues. -- 2. ed. -- Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2011.

32 p. : il. -- (Sala do Artista Popular ; n. 170).

ISSN 1414-3755

Catálogo etnográfico lançado durante a exposição realizada no período de 11 de agosto a 18 de setembro de 2011.

1. Tecelagem – Mato Grosso. 2. Redes de dormir – Mato Grosso. I. Ignácio, Elizete, org. II. Oliveira, Lucas Albuquerque de, org. III. Rodrigues, Valéria Nogueira, org. IV. Série.

CDU 745.52(817.2)

---

sala do artista popular

S A P MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

170 2011

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesanato em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



## A tradição das redes cuiabanas em Limpo Grande

ELIZETE IGNÁCIO DOS SANTOS, LUCAS DE OLIVEIRA E  
VALÉRIA NOGUEIRA RODRIGUES

### AS REDES CUIABANAS

O nome “rede cuiabana” é usado para caracterizar a produção artesanal tradicional de redes em municípios mato-grossenses como Poconé, Santo Antônio do Leverger e Várzea Grande e também em alguns bairros cuiabanos. Porém, são chamadas de “cuiabanas”, pois Cuiabá é o seu principal polo de comercialização. Elas se diferenciam no modo de produção de outras redes e tecidos artesanais pela urdidura em teares verticais, com tecedura de baixo para cima e pelo tecido grosso resultante da trama. Segundo Coradini, estas são características da tecelagem dos índios brasileiros, assim como dos índios do Chaco e da Bolívia (Coradini, 2006). A origem das redes cuiabanas não é conhecida. Parte da literatura atribui sua origem às tribos indígenas da região, com a introdução do lavrado pelos portugueses (Coradini, 2006; Lima, 1987). Um artigo do jornal O Globo, datado de 06/06/1977, afirma que a rede cuiabana tem origem na rede de Sorocaba, trazida pelos bandeirantes paulistas que povoaram a região de Mato Grosso no século 18.

A comunidade de Limpo Grande – em Várzea Grande – é reconhecida como o maior polo de produção das redes cuiabanas, dentre aqueles que ainda dominam esta produção artesanal. A principal diferença entre a produção várzea-grandense e a dos demais municípios é a matéria-prima, pois, enquanto no primeiro ainda se utiliza o fio de algodão artesanal, em Limpo Grande o fio é o industrializado (Coradini, 2006). Não há consenso entre as artesãs sobre quando se passou a usar o fio industrializado. Segundo algumas redeiras (como são chamadas as artesãs), essa mudança ocorreu na década de 1960. Outras disseram ter sido nos anos quarenta. Algumas lembram suas mães fiando os fios de algodão cru.





Segundo dona Maria José da Costa, nascida em 1949 e redeira desde os 15 anos, o fuso não é usado há muito tempo, ela mesma não aprendeu a tecer dessa forma, apenas observou poucas pessoas mais antigas que mantinham a tessitura das redes através da produção artesanal e manufatureira do algodão. De acordo com a entrevistada, o algodão depois de plantado e colhido passava por uma limpeza para retirada de sementes, depois passava pelo batedor, instrumento que abria as fibras do algodão e a esticava tornando-a fina. Em seguida vinha o processo de fiar, prendia-se uma ponta do fio no fuso e com batidas se produziam os fios, depois é que se tingia o fio do algodão. A forma mais usada para tingir era a extração de sulcos de cascas de árvores, sobretudo a conhecida vulgarmente por “cabelo de nego”. Esta planta oferecia uma tinta cor de vinho muito usada para fabricar redes listradas e bicolores.

A mudança na fabricação de redes foi decorrente, em parte, da possibilidade de acesso às linhas industrializadas. A preferência pelo fio industrializado é justificada pelo brilho que possui e também pela opção de cores, que, segundo elas, tornam as redes mais bonitas e vistosas, pois as cores das linhas usadas e preferidas pelas redeiras são fortes e vibrantes.



Quando se está em Limpo Grande, o colorido das redes fascina. Escolher é difícil, porque todas são lindas! São feitas pelas habilidosas mãos das famosas artesãs que passam todos os dias, horas e horas sentadas ao chão forrado por cobertor ou lençol, frente a grandes teares... Quando o visitante se aproxima da casa, descobre se há alguém tecendo pelo ouvir de um som característico: o da bateadeira... (Coradini, 2006).

Limpo Grande dista cerca de 23km do centro de Várzea Grande. Trata-se de um bairro rural, com cerca de 200 moradores aparentados entre si, dos quais quarenta são redeiras. As fontes de renda locais vêm do artesanato de redes e do emprego em casas de família, para as mulheres; e da agricultura, pastoreio, pesca e trabalhos temporários em fábricas de cerâmicas, matadouros ou fazendas para os homens. A principal festa religiosa local é a Festa de Santa Clara, que ocorre na pri-



meira semana do mês de agosto. A organização da festa é responsabilidade de uma das famílias de Limpo Grande e esta responsabilidade é repassada dos pais aos seus filhos e filhas. Deste modo, toda a família se envolve na organização da festividade, que acontece em um galpão construído na localidade para este fim.

#### FORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO

As redes cuiabanas têm em média um metro e meio de largura por dois metros de comprimento e gastam dois quilos e meio de linha de algodão em sua confecção. São muito coloridas e o lavrado pode ser visto de ambos os lados, pois elas não têm avesso. São diversos os desenhos usados para lavar – ou bordar – a rede: papagaios, tuiuiús, ararinhas, ararões, flores, Nossas Senhoras, curumins, anjos, onças, etc. Os bordados são feitos a partir das mostras, que podem ser copiadas de revistas de ponto cruz ou tiradas de outros tecidos bordados, e de desenhos imaginados por elas. Alguns comerciantes e compradores de redes também fornecem mostras que, logo que são feitas por uma artesã, são copiadas pelas demais, se acharem que o desenho é bonito.

Todo o trabalho de tecer uma rede é feminino e, apesar de aparentadas entre si e de guardarem fortes relações de parentesco, as redeiras trabalham individualmente ou no formato de carreiras, ou seja, em grupos de duas ou três que podem trabalhar juntas em uma só rede ou em uma mesma encomenda delas. A carreira pode se formar tanto pelo parentesco – mãe e filha, duas irmãs, nora e sogra – quanto pela afinidade – comadres ou vizinhas que trabalham juntas. Este formato de produção se reflete também no modo

como elas comercializam seus produtos. Assim, apesar de existir uma associação local de artesanato (a Associação de Produtores de Tecelagem de Limpo Grande – Artlimpo, as redeiras preferem estabelecer seus próprios negócios e estratégias de comercialização.

De um modo geral, todas deixam suas redes em consignação na Casa do Artesão, centro de comercialização de artesanato mato-grossense administrado pela Fecomércio, ou na Casa de Arte do município de Várzea Grande. Outro ponto importante de venda para algumas delas é a loja do seu Ernane Monteiro, comerciante de Cuiabá cuja família tem uma longa tradição na venda das redes cuiabanas, dentro e fora do estado. Ele fornece a matéria-prima e paga a mão de obra das redeiras, o que elas chamam “tecer de ganho”. Uma parte das redeiras têm outros clientes e pontos de venda. As redeiras afirmam que o comércio de redes era muito grande. Aqueles que – como o seu Ernane – compravam redes para comercializar, eram chamados de encomendadores. Algumas dessas pessoas passaram a dominar a técnica de produção e tornaram-se contratantes, algumas vezes sendo confundidos com artesãos. Criaram um sistema de encomenda de serviços no qual a rede podia ser confeccionada em três ou quatro partes diferentes para depois serem unidas. Assim,



selecionaram as melhores redeiras para essas etapas, criando uma produção mais especializada e dinamizando o trabalho das artesãs. Algumas delas tornaram-se especialistas em determinadas tarefas, como urdir, confeccionar a rede, confeccionar o punho ou lavar.

Dona Maria recorda-se da influência dos lojistas na produção das redes e das relações estabelecidas em decorrência dos altos preços das linhas. Afirma que as meadas grandes eram impossíveis de ser adquiridas pelas tecedeiras, uma vez que eram muito caras para seus padrões econômicos. Portanto, era imprescindível que os lojistas intermediassem o acesso das

tecedeiras às linhas. Esse processo levou ao estabelecimento de relações entre as tecedeiras e os donos de lojas, que também comercializavam as peças compradas e revendendo-as, trocando peças por linhas ou vendendo em consignação. Essa relação comercial entre lojistas e redeiras levou a uma inserção de novos motivos – ou desenhos – a serem tecidos e também no tamanho das redes, uma vez que muitos comerciantes, tais como dona Rita Monteiro, pagavam preços diferentes pelas redes, incentivando que se fizessem redes cada vez maiores e com estampas mais trabalhadas.

Se por um lado este processo dinamizou o modo de produção local, por outro acentuou conflitos existentes, pois as artesãs mais velhas começaram a formar um capital de giro pequeno e, com o potencial de uma articulação familiar maior do que a contratação dos encomendadores, tornaram-se também contratadoras de serviços, constituindo uma espécie de “elite local” da qual outras redeiras ficaram dependentes, já que conseguem formar capital de giro e trabalham exclusivamente de ganho. Por outro lado, este processo permitiu a continuidade da produção e do repasse de saber para as novas gerações, na medida em que as redeiras que tecem de ganho deixaram de fazê-lo, optando por trabalharem como empregadas domésticas no centro de Várzea Grande.



#### MODOS DE TECER E SEUS INSTRUMENTOS

*Primeiro se fazem 18 a 20 novelos para tecer a rede. O novelo da rede deve ser feito unindo os fios de dois outros novelos. Depois se urdi a rede, isso se faz passando os fios no tear através da abrideira e do buriti. Depois se passa o liço, o liço é uma fita branca que delimita e separa os fios, permitindo assim o bordado e a troca de linha, o que permite que o desenho se reproduza na frente e no verso. São dois liços, um para tecer e um para bordar. Para abrir os fios, separam-se os fios com as mãos como um pentear de cabelos, e se faz o 'trocar de linha'. Assim se faz um pouco do pano da rede e se coloca o segundo liço... A espichadera serve para manter a rede bem aberta, tem que ser de taquara. Você pega e põe ela aqui no canto da rede para espichar. Daí você teceu um pouco da rede. Daí você vai assenta a mostra, vai bordar. Pra borda precisa ter muito cuidado com os pontinhos todinhos... e com a batedeira, que você usa pra sentá no fio. Depois disso que é o mais difícil, você vai tirar a rede do tear. Depois que tira a rede é que faz o acabamento. Você vai trançar o punho (o punho é uma sucessão de tranças), vai passar o cadarçinho (no próprio tear se tece a base do punho), torce o sobrepunho (gancho de argola), e prega a varanda (D. Judith Pereira da Silva).*



O tear vertical das redeiras de Limpo Grande têm, em média, um metro e oitenta de altura por um metro e meio de largura. É feito de madeiras como cumbaru, aroeira e ipê. Trata-se de uma espécie de moldura formada por duas traves verticais, com dois vãos na partes superior e inferior em cada trave. Nestes vãos se encaixam os braços superiores e os inferiores. Os vãos dos braços superiores são preenchidos por apoios de madeira que determinam o tamanho da rede. Os buritis são peças roliças de ferro ou madeira, nas



quais se amarram os fios da rede para a urdição. O buriti determina o comprimento da rede e o andamento do lavrado. A parte inferior do tear fica apoiada no chão e a parte superior é apoiada na parede e a redeira tece à sua frente, sentada no chão sobre um lençol ou tapete ou em um banco baixo. Quando tece em carreira, cada redeira fica de um lado do tear, trabalhando ritmadamente com sua companheira.

O processo de confecção da rede é demorado, pode levar até dois meses para ficar pronta. As artesãs trabalham, em média, seis horas por dia: logo no início da manhã, por volta das sete horas, sentam-se no chão, à frente do tear, e trabalham até cerca de nove e trinta, quando param para seus afazeres domésticos: limpam as suas casas, cozinham, enviam os filhos para a escola, entre outras atividades. Entre 13 e 14 horas retornam para o tear e trabalham até as 16 ou 17 horas. À noite, enquanto veem novelas ou outros programas televisivos, aproveitam para novelar alguns fios ou para tecerem as varandas de puçá, que dão acabamento às redes. Esta rotina pode ser quebrada quando necessitam ir ao centro de Várzea Grande ou a Cuiabá.

Para iniciar a rede, primeiro é preciso novelar os fios. Pega-se dois novelos novos, junta-se as pontas dos fios e começa-se a enrolá-los, formando um novelo com fio duplo, chamado de bilros – ou birros –, que podem ser feitos de so-





bras da confecção de outras redes. Após novelar as linhas, inicia-se a urdidura, ou seja, as linhas duplas são esticadas, envolvendo os braços superior e inferior do tear. Estas linhas são separadas com o liço, um fio branco de algodão passado entre as linhas para separá-las e auxiliar no momento em que as redeiras estão lavrando as redes.

Só depois de passado o liço as redes estão prontas para serem lavradas. O lavrado – ou bordado – é feito enquanto a rede é tecida. Para isto, enlaçam-se os fios em carreiras de três, sendo que a cada três fios o laço é passado por cima e depois passado por trás dos três fios seguintes. Os fios do lavrado alternam o que tem a cor da rede – ou seja, acompanham a cor da linha urdida no tear – com os fios coloridos que formam os bordados. É por esta maneira de tecer que as redes não têm avesso, e seus desenhos podem ser vistos dos dois lados. A redeira lava (ou borda) a rede com base nas mostras – desenho feitos em papel iguais àqueles utilizados para o bordado em ponto cruz. Cada vez que terminam de passar um conjunto



de carreiras nos fios urdidos, as redeiras assentam ou batem esta carreira com o batedor ou bateadeira – uma madeira fina e pesada –, deixando a trama muito justa e com o tecido bem fechado. A largura da rede é medida pela espichadeira, uma espécie de pente, feito de taquara, com três dentes que são espetados nas bordas da rede.

À medida que a rede é tecida, a redeira puxa para baixo o que ainda falta tecer, levando para a parte de traz do tear a



parte já lavrada. Quando finalizada, é o momento de tirar a rede do tear, etapa para a qual são necessárias ao menos duas pessoas, pois os teares são altos e as redes são pesadas. O acabamento da rede é feito com a confecção do cadarcinho, uma pequena tira de feita a partir dos fios da própria rede, na qual os punhos e os sobrepunhos são costurados. Por fim, costura-se a varanda, que foi confeccionada à parte.

Segundo o Dicionário do Folclore Brasileiro, de Câmara Cascudo, o puçá seria uma rede de dormir mais simples e sem varanda. Porém, o puçá – ou varanda de puçá – é a borla que ornamenta e dá acabamento à rede cuiabana. É feita em duas etapas. Primeiro é feito o tecido, quando os fios são esticados no tear na horizontal e na vertical, formando quadrículos – semelhantes a uma rede de pesca – que depois serão preenchidos – ou bordados. Para bordar, este tecido é esticado em um tear pequeno – na verdade, uma moldura vazada retangular de madeira – chamado de bastidor, que fica no colo da artesã. Ela preenche cada quadrículo com a ajuda de uma agulha de costura, formando os desenhos que estão na mostra, tais como flores, araras, papagaios, etc. Percebe-se assim o cuidado e o detalhe que envolvem a produção de uma única rede, o que explica e justifica o tempo que cada tecelã usa em sua confecção.





### Sobre as expositoras

Apesar da existência de uma associação local, o modo de produção e comercialização é bastante focado no grupo familiar e na relação de compadrio, respeitando-se o formato de carreira. Todas têm encomendas de seus clientes particulares, quando são muitos os pedidos e a mão de obra familiar não é suficiente distribuem as tarefas de produção das redes entre redeiras fora de suas carreiras. Deste modo, preferimos apresentar cada redeira que participa desta SAP individualmente, ressaltando seus gostos pessoais na confecção das redes e também dados de seus currículos que permitem não somente conhecê-las um pouco melhor, mas também compreender o modo complexo e delicado como tecem suas redes de dormir e suas relações pessoais. Assim, o objetivo é mostrar que, para além do gosto do freguês, o artesão de um modo geral – e as redeiras em especial – têm uma relação afetiva com aquilo que produzem. A rede de dormir de Limpo Grande não pode então ser compreendida apenas como um produto comercial, mas como o resultado dos afetos individuais e coletivos, que lhes conferem o colorido dos lavrados e a firmeza da urdidura.

#### *Celma Rodrigues de Oliveira*

Celma – ou Ruca, como também é conhecida em Limpo Grande – aprendeu a tecer com sua mãe, mas atualmente mora perto da sogra, com quem trabalha. Ela diz que aprendeu a tecer ajudando e participando da tecelagem. Sua preferência é o lavrado do araráo com o fundo preto.



*Evanildes Maria Pereira*

Dona Iva aprendeu a tecer com a mãe, a quem ajudava. Sua vizinha, que também era sua parente, começou a trabalhar em equipe com ela. Assim ela foi crescendo como artesã até que parou de trabalhar para outras redeiras. Segundo ela, foi com as redes que criou suas três filhas: a mais velha já a ajuda no tear; sua filha do meio ajuda com as varandas, acabamentos, e a mais nova estuda. Sua especialidade é uma rede composta pelo araráo no meio e ararinhas nas beiradas. Ela gosta das redes amarelas, pretas ou azuis.



*Gonçalina Lemes de França*

A Loirinha, como é chamada, aprendeu a tecer com sua mãe, em uma rede preta. Ela diz que inicialmente sua mãe lhe ensinou a amarrar as varandas das redes. Depois foi aprendendo as outras etapas. Até que se casou e começou a produzir e vender redes para a Casa do Artesão. Sua preferência no bordado é o araráo aflorzinhado, com o fundo preto.

*Jucileide Clemente da Silva*

Jucileide tem apelido de boneca: Suzy. Aprendeu a tecer juntamente com sua mãe, dona Judith, lavrando as varandas, urdindo caminhos de mesa e fazendo pequenos panos. Ela sempre trabalhou com as redes, desde os 13 anos, e sua primeira rede já foi lavrada. Atualmente ela tece sozinha, mas também ajuda a mãe quando esta tem bastante trabalho. Suas preferências são o araráo, arara com as asas abertas floreada de rosas, a rede de pacus e a onça pintada e suas cores preferidas são o bege e o vermelho.



*Jucileire Clemente da Silva*

Tchín, como pode ser chamada, aprendeu a tecer junto com a mãe, dona Judith, com quem trabalha desde os 17 anos. Ela e suas irmãs formam uma forte equipe de trabalho. Atualmente ela tece em sua própria casa, que fica ao lado da casa de sua mãe. Sua rede predileta é composta por ararinhas acompanhadas por flores ao longo de toda a rede. Ela trabalha com bege, azul, preto e amarelo.

*Judith Pereira da Silva*

Conhecida como dona Brancona, nos disse: “Eu aprendi com minha mãe, só de ver fazendo desde criança”. Ela nos conta que a sua mãe fazia redes para sustentar a família e ela, ainda menina, a ajudava neste ofício. Segundo ela, a criança de Limpo Grande “desde que nasce, já nasce novelando”. Depois de algum tempo, sua mãe lhe ensinou a bordar, contar os pontos e aprendeu os “bordados da varanda”, pois as mostras eram “de pano”, bordadas assim como são as varandas. Conta ainda que as redes mais antigas eram somente de duas cores: azul e branco ou vermelho e branco. Dona Brancona se casou, sua mãe morreu e ela começou a tecer junto com outras artesãs. Com o tempo ela ensinou suas filhas, que também participam desta SAP. Sua preferência é pelo araráo, mas também tece muito o tuiuiú, o pacu, garças, tucano, a famosa viola de cocho e a onça pantaneira. Ela gosta de trabalhar com a cor bege claro e com o preto, mas gosta muito também das cores claras como o amarelo, o vermelho e o verde.



*Luzia Lemes*

Assim como a maioria das redeiras, aprendeu com a sua mãe, que foi uma redeira muito importante na comunidade, dona Neide, que fez redes até para o Papa, quando ele veio a Cuiabá, segundo Luzia. Ela tecia um pouco e olhava sua mãe fazer o resto. Um dia a mãe pediu a ela que fizesse uma varanda. A primeira rede que teceu foi com Rosi, com quem forma uma equipe até hoje. Sua mãe deu o fio para as duas e pagava a mão de obra. Sua rede preferida é a ararinha com flores. Gosta de redes vermelhas e pretas.



*Maria da Conceição Pereira*

A Neca é filha de uma das mais reconhecidas redeiras de Limpo Grande, com quem aprendeu a tecer aos 15 anos e com quem trabalhou até se casar. Primeiramente ela tecia caminhos de mesa e jogos americanos para aprimorar o bordado. As suas primeiras redes foram listradas, que fazia com a sobra das linhas da mãe.



Depois que começou a tecer sozinha, trabalhou juntou com outras tecedeiras como Miltes. Teve um papel muito importante na criação da Associação de Artesãs de Limpo Grande – Artlimpo. Dedicou parte do seu tempo a cuidar da divulgação da rede de Limpo Grande e tornou-se interlocutora importante para os projetos de fomento ao artesanato que chegam à região. Sua preferência é o lavrado do araráo aflozinhado, em rede preta.

*Miltes Maria da Silva Mendes*

D. Miltes aprendeu a tecer junto com sua mãe, que lhe ensinou todos os processos de confecção. A primeira rede que fez era de um fio que não existe mais. Ela vendia redes para uma loja chamada Casa das Redes, no Porto de Cuiabá. Quando casou formou equipes com outras artesãs, como Gonçalina e Neca. Quando sua filha mais velha, Valdirene se tornou madura suficiente no artesanato elas formaram uma equipe, até que sua filha casou e foi embora. Agora sua ajudante é a filha do meio, Waldenice Maria Mendes. Sua preferência ao



tecer são as redes floridas, com casais de ararinhas nas bordas. Ela também gosta muito de fazer redes com a viola de cocho, a onça, a Nossa Senhora Aparecida e as garças. Ela gosta muito do pano de sua rede nas cores bege, amarelo, azul e laranja.

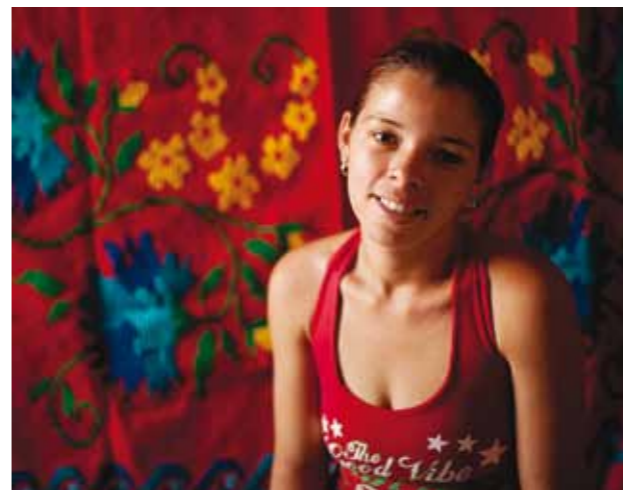
*Odacil de Lima Ferreira*

Também conhecida como Lia, nasceu na comunidade vizinha de Capão Grande. Começou a tecer com sua sogra aos 16 anos, quando se casou. Inicialmente tecia para a Casa do Artesão de Várzea Grande: a instituição lhe dava o fio e pagava sua mão de obra depois da venda do produto. Quando ela e seu marido se mudaram para o centro da Várzea Grande, começou a fazer tapetes com sua cunhada. Eram tapetes imensos e muito bonitos. Atualmente divide seu tempo entre o trabalho por ganho, quando tece para outras tecedeiras, e para venda autônoma. Para poder participar desta SAP formou uma carreira com Eliane Lúcia Pereira. Prefere tecer redes com o ararão aflozinhado, que é uma arara grande com o fundo preto cheio de flores.



*Rosângela Pereira da Silva*

Rosi aprendeu a tecer com a mãe, aprendendo aos poucos cada etapa: urdir, bordar, punhos, varandas... Agora que se casou, começou a trabalhar independentemente com Luzia, mas já trabalhou também com outras artesãs, prática comum na comunidade. Sua rede predileta é a ararinha seguida de rosas pela rede inteira. Suas cores favoritas são o preto, o vermelho e o azul.



*Valdirene Maria Mendes*

Valdirene – ou Bieca – é filha de D. Miltes, com quem aprendeu a tecer. Começou com caminhos de mesa, aperfeiçoando o bordado. Depois que se casou, passou a tecer sozinha, com sua própria linha, e assim ela ajuda no sustento da casa juntamente com seu marido. Sua filha adolescente já sabe fazer alguns passos das redes. Sua preferência é pelo ararão e pelo casal de araras, mas também gosta do tucano, do tuiuiú e da viola de cocho. Suas redes são na maioria pretas ou amarelas.

## Bibliografia

ARTESANATO em Mato Grosso: da preservação da cultura à promoção social. *O Globo*, Rio de Janeiro, 06 jun. 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.

CORADINI, Maria Lúcia da Campo. *A paisagem simbólica de Bom Sucesso e Limpo Grande, em Várzea Grande*. 2006 Dissertação (mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006.



## CONTATOS PARA COMERCIALIZAÇÃO

### Sala do Artista Popular/CNFCP

Rua do Catete, 179  
Rio de Janeiro – RJ CEP 22220-000  
Tel.: (21) 2285-2545/2285-0441/2285-0891  
Fax (21) 2205-0090  
mercado.folclore@iphan.gov.br | www.cnfcp.gov.br

### Redeiras

Celma Rodrigues de Oliveira: (65) 9952-2805  
Evanildes Maria Pereira: (65) 9606-0387  
Gonçalina Lemes de França: (65) 9268-4813  
Jucileide Clemente da Silva: (65) 9264-4208  
Jucileire Clemente da Silva: (65) 8131-9231  
Judith Pereira da Silva: (65) 8142-3312/9216-4633  
Luzia Lemes: (65) 9258-7154  
Maria da Conceição Pereira: (65) 9214-6585/3686-3451  
Miltes Maria da Silva Mendes: (65) 9262-7630/9259-6206  
Odacil de Lima Ferreira: (65) 9913-2093  
Rosangela Pereira da Silva: (65) 9201-6491  
Valdirene Maria Mendes: (65) 9256-6744

realização



CENTRO  
NACIONAL  
DE CULTURA  
POPULAR

IPHAN

Ministério da  
Cultura

patrocínio

CAIXA

GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA



RIO DE JANEIRO | 11 DE AGOSTO A 18 DE SETEMBRO DE 2011  
MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR  
MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO